



ENSAIO

FILOSOFIA X NEOLIBERALISMO: POR QUE E PARA QUE FILOSOFIA NO ENSINO BÁSICO

PHILOSOPHY VS. NEOLIBERALISM: WHY AND FOR WHAT PURPOSE PHILOSOPHY IN BASIC EDUCATION

Pedro Henrique Araujo Santiago

Doutorando em Filosofia pelo PFI-UFF. Docente da Rede Estadual de Ensino – SEDUC-CE
pedro.santiago@prof.ce.gov.br

A metodologia para o processo de escrita desta apresentação foi inspirada por Jean-Luc Godard que escrevia os roteiros das cenas de seus filmes um dia antes de elas serem gravadas. A construção do roteiro se fazia de maneira dialogada com os atores. No meu caso, coleci minhas experiências neste evento, entre os dias 28 e 29 de agosto do ano vigente (na ocasião, 2024), e construí minha apresentação. Espero que eu contribua de alguma forma para o fomento do debate sobre a indispensabilidade do **ensino de filosofia** no Brasil.

Sem delongas, adentremos no problema: **por que a filosofia precisa recorrentemente justificar a sua existência para os diversos setores da sociedade?** Esses setores que vão desde grupos mais intelectualizados (como professores de outras áreas, gestores escolares, políticos) até aqueles grupos que professam com mais frequência o senso-comum (como os trabalhadores de modo geral, nossos estudantes em formação, a comunidade escolar).

A filosofia, no hemisfério sul, encontra-se numa crise interminável. É quase uma espécie de carcinoma o qual a *fase neoliberal do capitalismo* tenta inutilmente extirpá-lo, no entanto, o **carcinoma-filosofia** (num sentido positivo, é claro!) reaparece, causando espanto, medo e angústia nos setores mais conservadores da sociedade e, evidentemente, nos detentores dos meios de produção, os capitalistas.

A filosofia, desde seus primórdios, surge por uma certa inadequação/negação do sujeito à realidade existente, por uma busca duma transformação do mundo concreto, bem como a alteração da compreensão do cotidiano, influenciada por um espanto diante da vida.

Platão, por exemplo, coloca em seus diálogos os marginalizados da *pólis* grega, como o escravo no *Ménon*, ou a sacerdotisa Diotima de Mantinea no *Banquete*, ou o Estrangeiro de Eléia no *Sofista*, ensinando filosofia a Sócrates. Percebiam um escravo, uma mulher e um estrangeiro, indivíduos que, sequer eram considerados cidadãos, ocupam um papel de destaque na filosofia platônica, justamente indivíduos que são a negação da política daquele contexto. Isso é uma chave de interpretação para mostrar o caráter contestador da Filosofia e os problemas que ela sempre trouxe para os mais poderosos e sua dificuldade de se encaixar ao *status quo*. No fim das contas, o que queremos dizer é que nós estudantes e professores de filosofia deveríamos saber evidenciar o caráter potente dos filósofos e ter cuidado com as possíveis deturpações que a filosofia passou em determinados contextos históricos (por exemplo, o que o cristianismo fez com o platonismo, ou o que o colonialismo fez com o iluminismo).

Falo carcinoma de uma maneira positiva, como trocadilho, como metáfora para ilustrar as sucessões de crises pelas quais a Filosofia é atravessada no Brasil e de que forma a Filosofia (res)surge, como neste **IV evento de encontro estadual de professores de filosofia** para se justificar, ou suplicar para a sociedade as razões de sua existência. Seria de nossa parte um acinte, uma injúria, um vilipêndio dizer que a filosofia é uma degeneração, uma vez que a enunciamos e a compartilhamos com os nossos estudantes sempre com a esperança de uma sociedade mais igual, livre e fraterna. Todavia, um fenômeno é importante notar: quando buscam eliminá-la, ela ressurge como contestação da realidade vigente que nem é mais razoável, nem vivível.

Em outros termos, é como se a Filosofia estivesse buscando, quando debate sobre o **ensino de filosofia** (evidentemente com outra carapaça histórica, afinal, Benjamim já nos ensinou que a história possui um movimento espiral e que ela não se repete de maneira idêntica) a sua origem peripatética ou socrática, no sentido de retornar às praças, aos mercados públicos, de caminhar pela cidade e de conversar com as pessoas comuns. E, talvez, esse seja um caminho adequado para a filosofia justificar sua existência. **“Filosofia assim te quero”** é o tema deste evento que indica uma síntese dialética de como a queremos, negando como ela está disposta nos espaços escolares de nível médio (por exemplo, é inadmissível que tenhamos apenas uma hora-aula semanal por turma) e de como está encastelada no nível superior (cada vez mais inacessível em sua forma discursiva. Apesar de a classe trabalhadora ter ingressado bem mais nas universidades públicas nos últimos anos, a filosofia continua usando uma linguagem dissonante da forma do povo se comunicar).

Posto isso, o **ensino de filosofia** não pode esquecer que existem certas limitações impostas pelo Estado Moderno Brasileiro, que historicamente é uma criação burguesa para atender os interesses mercadológicos da classe dos capitalistas. Não é surpresa para ninguém falas de políticos dizendo que no Nordeste dever-se-ia investir mais em agronomia ao invés de filosofia, pois a primeira opção supostamente geraria mais riquezas para a população, o que, consequentemente, traria um maior bem-estar para todos. Nesse sentido, lembrei-me de quando estava aplicando uma prova de filosofia, juntamente com uma de química, e todos os estudantes começaram pela disciplina associada à ciência da natureza, pois me confessaram que aquela disciplina era mais importante e que por ela se deveria iniciar. Depois, fui entender o motivo daquele tipo de pensamento, na medida em que os estudantes me disseram que estudar estava associado a copiar e calcular, enquanto a conversa e o debate não tinham a ver com o processo de ensino-aprendizagem. Essa situação me fez crer que, para aqueles estudantes, educação tinha mais a ver com o desprazer, a repetição e o cansaço do que com a potência, a alegria e o diálogo.

Como dizia Marx na sua *Introdução da Crítica à Filosofia de Hegel*, o cômico e o trágico estão paquerando o tempo todo, como a garça e o urubu, é difícil estabelecer uma fronteira muito clara entre ambos. Então o que é trágico também pode nos causar riso, o inverso também é válido, uma comédia pode ceder espaço para a angústia, para o choro e até para a perversão (num sentido psicanalítico). Assim, podemos descrever a situação da filosofia no Brasil como uma experiência entre o trágico e o cômico, afinal de contas, a pergunta problema que norteou minha fala inicialmente é trágica e cômica. Lembremos a pergunta problema: **por que a filosofia precisa recorrentemente justificar a sua existência para os diversos setores da sociedade?** Expliquemos o motivo da tragédia e da comédia na pergunta. Vejam só quando alguém pergunta *para que filosofia?* ela está ignorando uma série de acontecimentos históricos, como os que vou dizer agora:

1) **Na língua portuguesa** é importante recordar que Platão, no *Sofista*, é o primeiro filósofo a estruturar a predicação dos nomes, isto é, a dizer que é possível se comunicar linguisticamente a partir da estrutura proposicional de sujeito mais predicado (importante salientar que até hoje usamos essa estrutura em nossa comunicação com alguns acréscimos e adequações);

2) **Na matemática**, às vezes parece que é uma quebra de sigilo dizer que Parmênides é responsável pela descoberta do **princípio de identidade**, depois melhorado e desenvolvido por Aristóteles com a Lógica Formal e que Tales, Pitágoras e Descartes, para

além de teoremas e do plano cartesiano, eram filósofos e propunham o modo de viver à filosofia.

3) **Na física**, não podemos esquecer que Galileu Galilei contesta a ideia aristotélica de que dois corpos com massas diferentes, arremessados ao mesmo tempo de uma mesma altura, cai primeiro o que possuir maior massa. Galileu, nesse sentido, a partir de seu experimento, em Torre de Pisa na Itália, constata que dois corpos arremessados da mesma altura, rejeitando-se a resistência do ar, caem ao mesmo tempo, abrindo espaço para uma epistemologia experimentalista e empirista que defende que os experimentos devem guiar conclusões que, supostamente, são puramente racionais, dedutivas e apriorísticas. Com isso, constitui-se uma das sementes históricas do Empirismo, que será uma das portas de entrada para a Modernidade;

4) **Na história**, temos Hegel que definirá o movimento real da história (tese, antítese e síntese), o que inspirará, posteriormente, Marx e Benjamim com o materialismo histórico-dialético;

5) **Na ciência**, temos Kant que definirá as categorias do pensamento e da sensibilidade e como tais categorias representam os objetos do mundo;

6) **Na estética**, temos Baumgarten e Kant que sistematizam o Belo.

E por aí vai. O lado cômico está na tolice do desconhecimento, na insistência de perguntas sobre a necessidade da filosofia ou de seu ensino, tais perguntas que já foram respondidas categoricamente ao longo do tempo. Assim, estamos cá nós, buscando alternativas para justificar nossa existência para a sociedade civil. Assim, a tolice é cômica, mas é trágica também. Quem nunca deu uma gargalhada quando se pergunta para que filosofia diante de tantas evidências de sua necessidade? Buscar liquidar o **ensino de filosofia** é análogo a dizer que o mundo possui sua significação dum milagre, cometendo-se um matricídio. Desse modo, não é tão importante se a filosofia deu origem às mais diversas áreas do conhecimento, mas o fato de como filosofia as transformou e continua transformando ao longo da história.

Platão (dos diálogos tardios, *Parménides*, *Teeteto* e *Sofista*, importante salientar) e Hegel possuem um interessante ponto em comum: a verdade não é algo permanente, imutável, paralisado, mas que está num gerúndio, o tempo todo se fazendo, de modo que é sempre

possível se capturar inteligivelmente o universal, mesmo que ele receba novas caracterizações, posteriormente. Entre uma antiga caracterização e uma nova caracterização do universal, algum elemento se mantém, pois, caso contrário, não conseguiríamos estabelecer conexão alguma entre o passado e o presente, nem conjecturar o futuro, pois a realidade estaria numa mudança compulsiva. Para Platão, a verdade é dialógica, construída a partir da síntese de discursos, enquanto para Hegel, o real (a verdade) é o próprio movimento da história (pondendo-se em momentos de tese, antítese e síntese numa reflexão do pensamento sobre si, que se manifesta historicamente). Para o filósofo alemão, a síntese histórica se torna, num dado contexto histórico, tese histórica. Por exemplo, a burguesia já foi antítese histórica do antigo regime monárquico. Quando ocorre a ascensão burguesa ao poder, temos um movimento de antítese histórica para uma síntese histórica. Desse modo, atualmente, a burguesia deixa de ser síntese histórica, tornando-se tese histórica, tendo como antítese histórica a classe trabalhadora. Assim, o processo de superação da sociedade burguesa seria uma síntese, que se manifestaria historicamente numa sociedade de cooperativismo mútuo sem propriedade dos meios de produção, acumulação originária e continuada de capital, e, portanto, sem classes.

Sendo assim, a verdade é a síntese de discursos atravessada pela história, com o acréscimo marxista de que tal história precisa ser entendida como relações de produção, isto é, precisamos compreender qual papel cada classe social desempenha na produção de mercadorias (ou nas relações de trocas de bens de consumo) e como as classes sociais dominantes propagam sua ideologia. Todavia, notem que grupos neoliberais entram acentuadamente em nossas escolas, como uma espécie de curadoria ou assessoria de ensino, sustentando que a educação brasileira deve desenvolver em nossos estudantes a tolerância à frustração e ao estresse; amabilidade ao grupo; e resiliência (a título de exemplos). Desse modo, encontram na educação um meio de propagação de sua ideologia, lugar que deveria ser difundido análise crítica sobre ideologia dominante. Esses sentimentos são definidos como competências socioemocionais a serem desenvolvidos com o objetivo de preparar os estudantes para o processo de ensino-aprendizagem, para a vida prática e para o mundo do trabalho. Inclusive, temos uma disciplina formal e institucionalizada nas escolas públicas, a saber: **formação cidadã**, que deve aprimorar os conteúdos mencionados.

No entanto, os materiais didáticos dessas competências socioemocionais não trazem consigo uma crítica às relações de produção no mundo do trabalho e como a exploração de mais-valia do trabalhador, acrescida de taxa de desemprego, flexibilização de direitos

trabalhistas e concentração de renda, gera o desgaste emocional do trabalhador. Desse modo, a tarefa de formar cidadãos não compete a grupos neoliberais com fins econômicos nunca bem esclarecidos, mas a professores de filosofia e de sociologia que possuem a compreensão científica da realidade e propostas de novas formas de socialização. Nessa disputa não podemos perder o protagonismo, pois se a educação é um bem, produzida por trabalho vivo e concreto, que visa atender necessidades inerentes ao sujeito (valor de uso), ela não pode ser tratada apenas como valor de troca, alienando os estudantes em relação às contradições do capitalismo. O ensino de filosofia precisa descortinar o que é o capitalismo e questionar qual o papel político de nossos estudantes, futuros trabalhadores, e isso é possível explorando toda a riqueza da história da filosofia.

A partir dos debates discorridos ao longo desse **Encontro de Professores de Filosofia**, é incontestável que estamos construindo um caminho para a efetivação adequada do ensino de filosofia. Estamos buscando sínteses de pensamentos sem esquecer que precisamos alterar materialmente a vida de nossos estudantes, sabendo que ensinar filosofia é contestar, de maneira científica, o modo, em voga, de se organizar socialmente.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Paulo. **Tempos de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2024.

BAUMGARTEN. **Estética: a lógica da arte e do poema**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

BENJAMIN. **Teses sobre o Conceito de História**. Lisboa: Antropos, 1992.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano**. São Paulo: Hedra, 2009.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MARX, K. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O essencial em Marx**. Petrópolis: Vozes, 2022.

PARMÊNIDES. **Da natureza**. São Paulo: Edições Loyola, 2013

PLATÃO. **Banquete**. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

PLATÃO. **Ménon**. Rio de Janeiro: Loyola, 2012.

PLATÃO. **Parmênides**. Rio de Janeiro: Loyola, 2013

PLATÃO. **Político**. Lisboa: Editorial Presença, 1971.

PLATÃO. **Sofista**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

PLATÃO. **República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATÃO. **Teeteto**. Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

PRADO JUNIOR, C. **O que é filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PRÉ-SOCRÁTICOS. **Fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Data da submissão: 30 Abr 2025.

Data do aceite: 01 Ago 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).